

SUSAN LEWIS

Desaparecido

Tradução de Cristina Correia

PRÓLOGO

A normalidade aparente não dava motivos para se julgar que algo pudesse alterar o rumo do dia ou dos dias vindouros. Sobre Exeter, o céu era como um interminável manto cinzento, sem aberturas por onde passassem os raios de sol, sem aviões a descerem de altitude; o pavimento estava húmido e salpicado de imagens reflectidas; o trânsito estava congestionado, e cada condutor guardava ciosamente o respectivo espaço, irritando-se quando forçado a deixar alguém passar.

Jacqueline Avery encontrava-se no lugar ao lado do condutor do BMW do marido. Era uma mulher esguia e sofisticada, de cabelo liso e louro apinhado com um travessão em veludo, olhos castanhos e pálidos que muito viam e pouco transmitiam e uma boca que poderia ser sensual, não fossem as rugas deixadas pela tragédia, como destroços após uma tempestade. As suas roupas eram de uma elegância comedida, a mala e os sapatos tinham a mesma tonalidade preta do casaco e os dois anéis que usava eram uma fina aliança de casamento em ouro e uma pequena ametista que pertencera à sua mãe. Miles, o seu marido, comprara-lhe jóias ao longo dos anos, mas ela raramente as usava. Não apreciava dar nas vistas, ainda que o gosto de Miles não fosse, de longe, desse género. Na verdade, ele não gostava que reparassem nela, nem sequer que a admirassem. Em tempos, chegara a apreciar que assim fosse, contudo, tal acontecera noutra existência – uma existência que não tinha qualquer ligação com o presente.

Como era habitual, Miles ouvia as notícias enquanto conduzia. Olhava-o de relance, apenas nos momentos em que o marido mirava abstraidamente pela janela lateral. Era bem-parecido, tinha cabelo escuro, ligeiramente grisalho, um perfil romano e um ar de autoridade que sempre lhe assentara com naturalidade, mesmo antes de alcançar o sucesso pessoal. Advinha do facto de descender de uma família tradicional na qual os homens sempre detiveram posições de poder. As duas casas que possuíam – uma em Kensington, a outra ali em Devon – tinham ambas sido herdadas, tal como a fortuna celeremente devorada pelos impostos.

Jacqueline preferia Londres, o seu actual destino. Miles deixá-la-ia na estação e regressaria a Moorlands, a pequena propriedade fronteiriça às planícies bravias de Dartmoor. O alívio que sentia pela partida assemelhava-se a uma lenta libertação de um pesadelo, soltando-se com esforço de gavinhas persistentes e emaranhadas. Em Devon, nada parecia resultar. Se, por um lado, aquele ambiente acalmava e acalentava Miles, a ela deixava-a nervosa e receosa. Ficava demasiado longe de Londres. As pessoas eram diferentes. Embora nunca ninguém tivesse sido desagradável, sabia que jamais partilharia a mesma sensação de pertença tão natural em Miles e em Kelsey, a filha de catorze anos de ambos. Era aqui que ficavam a maior parte do tempo, desde que Miles se demitira do cargo de editor de um importante jornal nacional e transferira Kelsey para um colégio, próximo de Okehampton. Não deixara de permanecer no colégio durante a semana e, ocasionalmente, passava o fim-de-semana em casa de amigas, mas normalmente regressava a casa, em Moorlands.

Não era difícil ficar com a cabeça a andar às voltas sempre que Jacqueline pensava na filha, sentindo um aperto no coração pela culpa e horror do que fizera. *Quase fizera, fez questão de se lembrar a si própria.* Jamais a tinha querido prejudicar, simplesmente não estava no seu juízo perfeito. Miles compreendera, bem como Kelsey, mas não voltaram a depositar-lhe confiança e não os podia censurar. Nunca deveria ter sido mãe. O tempo provaria a dimensão da sua inépcia e prosseguia, incessantemente, a demonstrá-lo.

Ao ouvir um *bip* do telemóvel, retirou-o da mala e leu a mensagem.

Ainda não sei quem me vem buscar. A mãe ou o pai?

Respondeu com outra mensagem.

O pai.

Disse a Miles:

– Acabei de dizer à Kelsey que vais buscá-la na sexta-feira.

Acenou afirmativamente com a cabeça, mas parecia tão embrenhado numa qualquer história política que não desenvolveu o assunto.

Não ficou surpreendida nem desiludida. Não estava com vontade de conversar, por isso nem se daria ao trabalho de dizer-lhe que Kelsey telefonara na noite anterior. Não era particularmente importante, fora apenas

para fazer a mesma pergunta. Jacqueline dissera-lhe que voltaria a ligar, pois nesse momento estava a meio de uma discussão com Miles. Não se reconciliaram antes de irem para a cama, nem tinham referido o assunto pela manhã.

– A propósito – disse Jacqueline, ao pararem nos semáforos junto ao Sainsbury’s¹, em Marsh Barton. – A Sr.^a Davies deu-me uma lista de coisas de que precisa, por isso talvez possas passar pelo supermercado no regresso a casa.

– Tudo bem – respondeu.

Colocou a lista no espaço à frente da alavanca das mudanças e voltou a fechar a mala. Perguntou-se se Miles estaria tão absorto pelas notícias financeiras como parecia ou se seria uma forma de evitar falar com ela.

Sem derramar uma lágrima, voltou o olhar para a janela. Amara-o, quando ainda possuía essa capacidade, mas agora já não o amava. Magicou na razão pela qual se mantivera casado com ela, contudo, como sabia a resposta, abandonou o sofisma e perguntou a si própria que direito tinha de o magoar daquela forma. A resposta era nenhum, evidentemente.

Miles praguejou em voz baixa quando alguém lhes passou à frente na rotunda. Jacqueline observou o outro condutor a acelerar em direcção à estação, provavelmente atrasado para o comboio. Perguntou-se se Miles estaria já a sentir o alívio da sua partida. Devia estar, depois da tensão dos últimos dias, embora soubesse que preferiria resolver o assunto a deixá-la ir sem levar a dele avante. Contudo, de nada valia discutir mais o assunto. Seria esquecido, varrido como pó. Lamentava que Miles estivesse apaixonado por outra mulher, mas a verdade é que a amava há três anos ou mais, pelo que não era novidade. Ela e Miles tinham de permanecer juntos e ele sabia-o, por isso qual o motivo da insistência repentina em reclamar de imediato a sua liberdade? O momento era curioso, pensou, embora não fosse completamente surpreendente.

Enquanto passavam junto ao Rio Exe, contemplou a água a jorrar descontroladamente sobre rochas e raízes, num movimento contínuo para a frente, sem nada a detê-la, num ímpeto desvairado e obstinado para o mar. Levantou o olhar para a ponte do caminho-de-ferro e apertou a mala com força. Dentro de menos de cinco minutos, o marido pararia no exterior de Exeter St. David’s, aguardaria que Jacqueline tirasse a mala do banco de trás e,

¹ N. da T. – Cadeia de supermercados.

depois de se despedir, partiria. Era um possível desenrolar dos acontecimentos. Não sabia se a beijaria ou se olharia pelo retrovisor antes de virar, ou até se esperaria que a mulher desaparecesse na estação. Era o que se iria ver. Tudo o que sabia era que a vida podia mudar em menos tempo do que uma batida do coração, ou do que um pássaro a levantar voo ou do que uma pessoa a entrar numa oficina e pagar a conta. E, se Miles estivesse a ser sincero, desconfiava que apreciaria partir e nunca mais voltar a vê-la nem a falar com ela.

Talvez Jacqueline também não se importasse muito por nunca mais voltar a ver ou a falar consigo própria.

Franziu ligeiramente o sobrolho quando Miles virou antes de chegarem ao acesso à estação. Ao aperceber-se de que iam pelo atalho, fechou os olhos e pousou a cabeça no encosto do banco.

De facto, não havia forma de saber o que poderia acontecer no momento seguinte.